

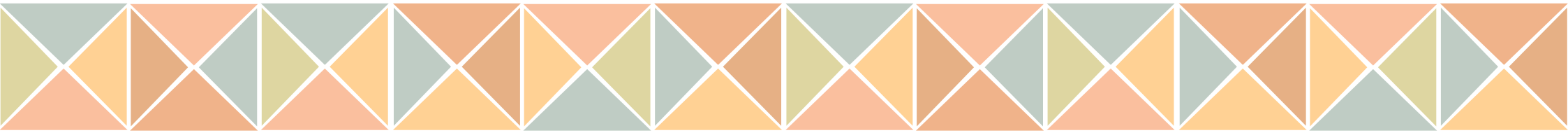
Série Turisol de Metodologias

# Turismo Comunitário



Uma Experiência de Turismo e Conservação em Silves (AM)





Realização:



Parceiros Financiadores da Série Turisol\*:



Parceiro apoiador:



\*As organizações financiadoras da Série Turisol de Metodologias no Turismo Comunitário não são necessariamente parceiros financiadores de cada experiência relatada pela Série. A TAM, o Ministério do Turismo e a Fundação Kellogg financiaram a produção e redação dos livretos por meio de convênio ou termos de parceria firmados com o Projeto Bagagem.

# De onde estamos vindo



A Rede Brasileira de Turismo Solidário e Comunitário – Rede Turisol, é composta por organizações que se uniram com a missão de fortalecer o turismo comunitário no Brasil. Atualmente a rede é composta por 23 iniciativas localizadas em 10 estados do Brasil e mais de 100 municípios, e encontra-se em fase de expansão. As principais linhas de atuação da Turisol são:

- 1) Comercialização
- 2) Comunicação
- 3) Impactos em Políticas Públicas
- 4) Capacitação e intercâmbios
- 5) Universidade e Turismo Comunitário
- 6) Juventude e Turismo Comunitário

Em 2008, o Ministério do Turismo, por meio do Edital de Chamada Pública de Seleção de Projetos de Turismo de Base Comunitária, selecionou de forma inédita 50 projetos (entre mais de 500 projetos inscritos) de apoio ao turismo de base comunitária distribuídos em 19 estados brasileiros. Dentre os 50 aprovados, 5 são membros da Rede Turisol, que se inscreveram de forma articulada, viabilizando assim a implementação de

um plano de trabalho da rede, executado sob a liderança do Projeto Bagagem. Este plano de ação envolve o fortalecimento dos destinos da rede por meio da criação de produtos promocionais e estratégias de comercialização conjuntas do turismo comunitário. As principais iniciativas deste plano incluem a expansão da rede através da inclusão de novos membros, a criação de um portal da rede, um catálogo promocional, a publicação da Série Turisol de Metodologias no Turismo Comunitário e a realização de encontros regionais e de um Encontro Nacional entre os membros da rede.

A produção da Série Turisol de Metodologias no Turismo Comunitário contou com o financiamento para a redação e coordenação da TAM Linhas Aéreas, da Fundação Kellogg e do Ministério do Turismo. E com uma generosa parceria com o Museu da Pessoa, que possibilitou a realização de uma roda de histórias filmada, bem como de entrevistas de histórias de vida ou temáticas em seu estúdio em São Paulo. Assim, foram gravadas 9 entrevistas temáticas, de 5 lideranças comunitárias e 4 técnicos ou coordenadores de ONGs locais que atuam com essas comunidades, que incluíram elementos das histórias de vida de cada entrevistado, e também uma roda de histórias com 6 projetos membros da rede.

A Série Turisol de Metodologias no Turismo Comunitário é composta por 7 volumes que registram as histórias e metodologias das seguintes experiências:

- 1) Projeto Saúde e Alegria (Santarém, PA)
- 2) Associação de Agroturismo Acolhida na Colônia (SC)
- 3) Pousada Uacari, Instituto Mamirauá (Tefé, AM)
- 4) Projeto Bagagem (São Paulo, SP)
- 5) Fundação Casa Grande (Nova Olinda, CE)
- 6) Rede Tucum (12 comunidades do litoral do Ceará)
- 7) Pousada Aldeia dos Lagos (Silves, AM)

Nos últimos 10 anos, estas experiências estão entre as iniciativas que mais se destacaram no Brasil, e diante de uma crescente demanda por informações sobre como iniciar e gerenciar o turismo comunitário em outras localidades, surgiu a idéia de uma sistematização que deu origem a esta Série. Com estes registros esperamos informar, compartilhar e inspirar o desenvolvimento de novas iniciativas voltadas ao turismo comunitário no Brasil e no mundo.

Boa leitura!

São Paulo, 2010.



# Apresentação

“É legal, é bom demais receber visitantes. Porque quando eles chegam, eles já chegam um pouco admirados de tudo pela grandeza. Então eles já chegam com uma expectativa enorme. Isso nos entusiasma para fazermos um serviço de qualidade, proporcionar para eles um momento bom. Muitos chegam com expectativas altas demais de vir para o Brasil, de vir para a Amazônia. Muitos passam na África, e lá na África eles vão aos parques e olham os animais ali muito próximos. E na Amazônia é diferente. Tem muitos animais, mas não são só os animais. Tem toda uma flora também. Muitas vezes o turista diz que não consegue ver bichos, aí a gente tem que explicar calmamente que não é como nos outros lugares porque cada centímetro de chão tem vida. Cada metro quadrado tem milhares de vidas ali que só tendo alguém, um observador, pra ir mostrando as coisas, e eles vão se entusiasmando. Mas é muito legal recebê-los. Principalmente quando eles chegam, fazem o primeiro tour e voltam com uma alegria do tamanho do mundo. E pra gente é bem recompensador ver a alegria deles. É sempre um desafio bem gostoso.”

**Wellington de Azevedo Leite**

“Uma noite eu fui levar um grupo de suecos pra dormir na floresta. Eu sou muito medroso. Eu armo minha rede bem lá em cima com medo de onça. Eu levava sempre um mateiro, uma pessoa experiente. Dessa vez eu levei o Seu Bertoldo. Já estava deitado às 10 horas da noite, e ouvindo todos os ruídos da noite. Aí eu ouvi um barulho muito forte. Aí eu perguntei assim pro Seu Bertoldo: 'Seu Bertoldo, que barulho foi esse?' Aí ele disse: 'foi um pingo de orvalho'. Não questionei nada e dormi. No outro dia eu cheguei em casa e contei para o meu pai. Aí ele disse: 'foi mesmo'. E começou a me explicar que tem umas folhas grandes assim de Ambé, um cipó que tem umas folhas largas. E tem uma palmeira que dá umas folhas largas e compridas lá embaixo das árvores, e com a umidade de dentro da floresta cai o orvalho, as gotas vão se juntando, formando um laguinho na folha da árvore, e quando ela não suporta mais o peso vem aquela gotona. E quando tem a coincidência de cair em cima daquela palha, dá um ronco forte.”

**Vicente Neves**





# Agradecimentos

Turismo e Conservação Ambiental não pediram para nascer juntos, mas se aproximam cada vez mais, atuando como componentes-chave no desenvolvimento socioambiental no Amazonas. Aqui gostaria de mencionar algumas pessoas que muito nos ensinaram e apoiaram.

Na pessoa de D. Jorge Marskel agradeço a todos que projetaram a primeira assembléia do povo de Deus da Prelazia de Itacoatiara. No saudoso Isidorio Tenório de Almeida, todos os comunitários que acreditaram que a proteção do meio ambiente era o caminho da fartura, bem como Dona Raimundinha que jamais se calou em uma reunião. Na figura de Bento Ribeiro dos Santos agradeço a todos os homens e mulheres que aceitaram o desafio de comandar a ASPAC, e na pessoa de Orlando Rocha todos os sócios que até hoje deram a vida pela entidade.

Aos estudiosos que acreditaram na nossa historia e nos contemplaram em suas teses gostaria de citar Sylvia Mitraud e o geógrafo Vicente Pinto. Muita gente de fora chegou, trabalhou, comtemplou e colaborou com as lutas desse povo da região de Silves, dentre eles Tiberio Allogio e Barbara Schumal.

Temos muito para agradecer a Deus. Foram muitas vitórias e quando perdemos uma batalha sempre tivemos força para continuar combatendo, pois a fé é que anima o nosso povo. Portando agradeço a todas as mães que ansiosas esperam seus filhos voltar dos trabalhos de monitoramento das áreas de preservação. Em nome delas cito a Dona Graça, que apesar das preocupações sempre nos apoiou. Às esposas que compartilham do seu tempo e de sua ternura com esse trabalho de proteção ambiental, obrigado. Em nome delas agradeço a Marcia Ruth, minha companheira de risos e lágrimas há quase vinte anos. Aos filhos que cresceram nos esperando voltar dos lagos e rios, nosso muito obrigado!

O b r i g a d o !  
Vicente Neves



# Índice

<b>De onde estamos vindo</b>	<b>03</b>
<b>Apresentação</b>	<b>05</b>
<b>Agradecimentos</b>	<b>06</b>
<b>Introdução</b>	<b>08</b>
<b>Histórico</b>	<b>12</b>
<b>Metodologia</b>	<b>21</b>
<b>Conquistas e desafios</b>	<b>31</b>
<b>Considerações finais</b>	<b>32</b>
<b>Contatos/Créditos</b>	<b>34</b>

# Introdução

"Nosso objetivo maior é garantir o peixe no prato dos ribeirinhos."

**Vicente Neves**

A Pousada Comunitária Aldeia dos Lagos foi construída como parte do Projeto "Silves: um projeto de Ecoturismo Comunitário na Amazônia Brasileira". O projeto foi executado pela ASPAC (Associação de Silves para Preservação Ambiental e Cultural) com apoio técnico do WWF e financiado pelo Governo da Áustria e WWF.

O objetivo do projeto foi viabilizar o primeiro empreendimento comunitário de Ecoturismo da Amazônia, com renda utilizada em benefício da conservação do sistema de lagos de pesca da região, e para a melhoria da qualidade de vida dos ribeirinhos do Município de Silves, localizado no Estado do Amazonas.

De acordo com esse sistema estratégico da ASPAC em trabalhar através de acordos de pesca, quatro tipos de áreas foram definidas:

- **Lagos de Procriação** - Lagos santuários com proteção total, para permitir, sem interferências, a reprodução natural dos peixes e o repovoamento;

- **Lagos de Manutenção** - Lagos onde é permitida somente a pesca artesanal de subsistência para garantir a alimentação e a renda comunitária;

- **Lagos de Exploração Pesqueira** - O restante dos corpos d'água regionais (rios, igarapés e lagos), onde a pesca comercial é permitida, respeitando algumas restrições regulamentadas por leis federais, estaduais e municipais.

- **Lagos de Manejo** - Onde é permitida a pesca manejada de espécie Pirarucu (*Arapaima Gigas*), o maior peixe de água doce, nos meses de setembro a novembro, uma vez ao ano.

A história do programa de turismo e da Pousada Aldeia dos Lagos, remonta à década de 80, quando missionários progressistas da Igreja Católica incentivaram a organização dos moradores de Silves em torno da defesa dos lagos e rios do município, então ameaçados pela pesca descontrolada. Em 1993, o movimento se institucionalizou: foi criada a Associação de Silves para Preservação Ambiental e Cultural (ASPAC).

Com a formalização, veio a possibilidade de receber financiamento do governo da Áustria e da organização não-governamental WWF-Brasil. Então, como

Vitória Régia em um local que liga o Lago Canaçari e o Rio Amazonas no período da cheia.

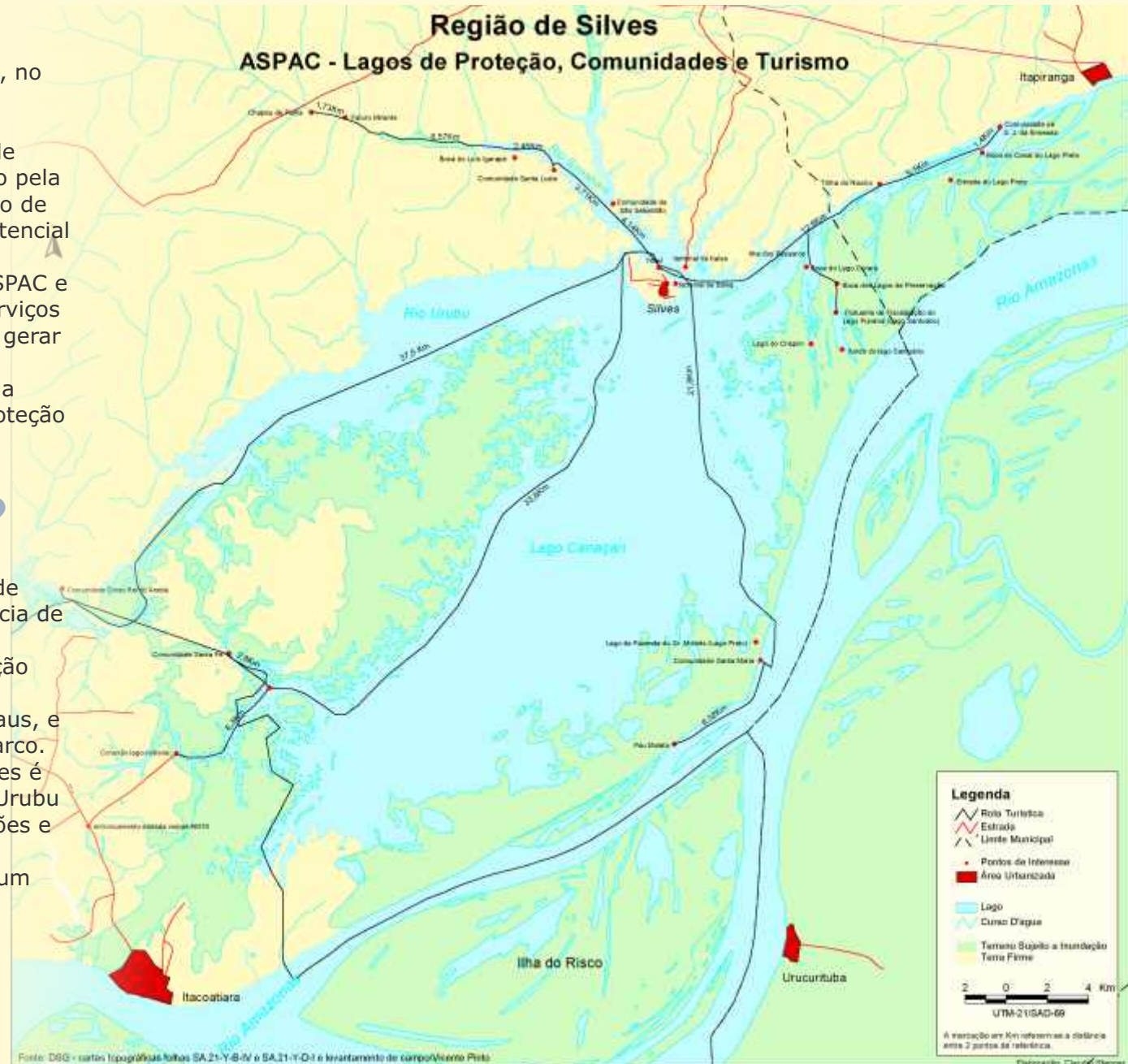
Foto: Davis Sansolo



possibilidade de sustentar o projeto, no ano seguinte (1994) a pousada Comunitária Aldeia dos Lagos foi construída numa área privilegiada de cinco hectares, cedida em comodato pela Prefeitura. Atualmente, o ecoturismo de base comunitária representa um potencial de geração de renda bem como um desafio de gerenciamento para a ASPAC e a Cooperativa de prestadores de serviços para a pousada (Cooptur). Além de gerar renda aos envolvidos na atividade turística, a iniciativa destina parte da renda gerada para atividades de proteção dos lagos da região.

## Que lugar é esse?

Silves, no Estado do Amazonas, onde está sendo desenvolvida a experiência de ecoturismo de base comunitária da Associação de Silves para Preservação Ambiental e Cultural (ASPAC), está localizada a 300 km a leste de Manaus, e o acesso se dá por estrada ou de barco. Com cerca de 8 mil habitantes, Silves é uma pequena ilha cercada pelo rio Urubu e o Lago Canaçari, rica em populações e culturas tradicionais, com inúmeros atrativos ambientais que oferecem um potencial fantástico para o desenvolvimento do ecoturismo.



O Lago Canaçari é formado por cinco rios contribuintes da bacia do Amazonas, a saber, o Rio Urubu, o Rio Itabani, o Rio Sanabani, o Igarapé Açu, e o Igarapé Ponta Grossa, formando uma região de várzea belíssima e com uma biodiversidade marcante.

O município de Silves é um dos mais antigos da Amazônia, sendo originário de uma missão indígena fundada em 1663. As mais de 30 comunidades ribeirinhas dependem basicamente da agricultura e da pesca para sua subsistência que está ameaçada pela expansão da pecuária nos campos de várzea e pela retirada excessiva dos peixes nos lagos fluviais. São nesses diques naturais formados na época das vazantes onde há a maior concentração de peixes como o tambaqui, o tucunaré e o pirarucu, todos de alto valor comercial nos mercados pesqueiros de Manaus e Belém.

A localidade de Silves é privilegiada pois inclui diferentes ecossistemas com características muito variadas:

- **Terra firme** – formada por grandes florestas onde as espécies propícias para o extrativismo são abundantes e onde está a maior possibilidade de conhecer as espécies animais e vegetais típicas da Amazônia;

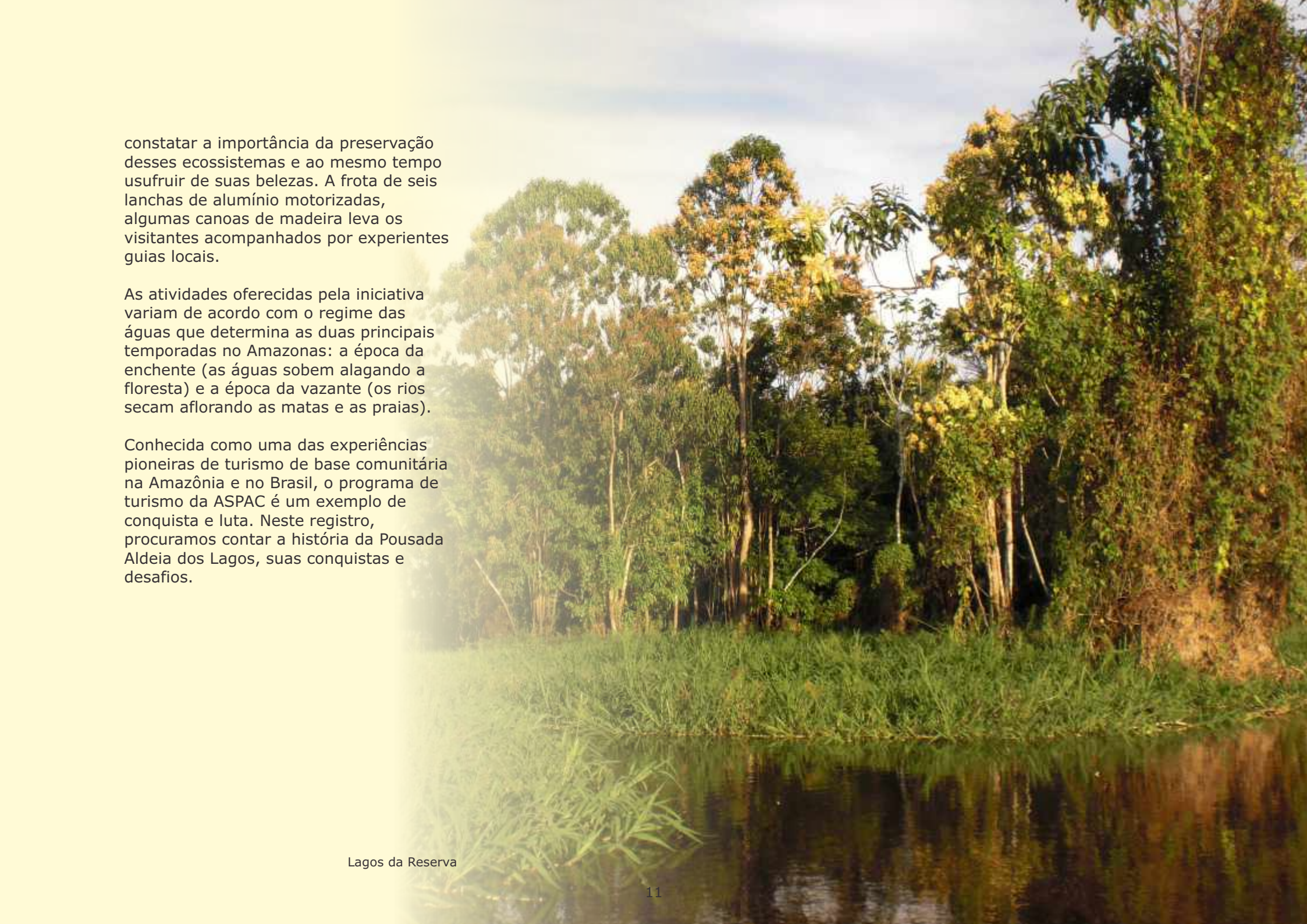
- **Massapé** – que são áreas argilosas com vegetação caracterizada pela variedade de espécies própria para a alimentação dos animais;

- **Várzea** – na qual melhor se expressa o regime das águas, a cheia e a seca, e influencia todo o sistema de vida socioeconômico e a geografia da região.

A ASPAC desenvolve e implementa programas específicos de conservação e desenvolvimento alternativo com práticas de baixo impacto ambiental, como o sistema de agroecologia, que é uma forma de incentivar a produção de alimentos naturais para o consumo dos moradores e dos visitantes. A produção de alimentos também contribui para a sustentabilidade da comunidade e ajuda a diminuir a pressão sobre a pesca, além de tornar essa experiência um modelo de produção no município. O programa de conservação e educação ambiental atua no sentido de garantir a preservação das belezas e atrativos naturais, pois as áreas protegidas, como lagos e florestas, além de serem atrativos permanentes, são reservas de procriação da própria comunidade.

Os atrativos naturais, sociais e culturais desta região se misturam formando um mosaico de pura harmonia entre homem e natureza que permite ao visitante





constatar a importância da preservação desses ecossistemas e ao mesmo tempo usufruir de suas belezas. A frota de seis lanchas de alumínio motorizadas, algumas canoas de madeira leva os visitantes acompanhados por experientes guias locais.

As atividades oferecidas pela iniciativa variam de acordo com o regime das águas que determina as duas principais temporadas no Amazonas: a época da enchente (as águas sobem alagando a floresta) e a época da vazante (os rios secam aflorando as matas e as praias).

Conhecida como uma das experiências pioneiras de turismo de base comunitária na Amazônia e no Brasil, o programa de turismo da ASPAC é um exemplo de conquista e luta. Neste registro, procuramos contar a história da Pousada Aldeia dos Lagos, suas conquistas e desafios.

# Histórico

## A Inspiração

“Como eu já tinha trabalhado com turismo antes, eu já tinha um pouco de vivência. A partir daí, quando surgiu a Aldeia dos Lagos, nós trabalhávamos na área ambiental, e quando chegavam os turistas a gente atendia. Quem comandava esse trabalho mais técnico era o WWF Brasil, e fizeram uma seleção de pessoas que tinham perfil para começar esse trabalho. O importante nesse momento foi que o pessoal que foi fazer as primeiras visitas eram pessoas que vinham através da AITR (associação Italiana de Turismo Responsável), articulada pela Sócia Gabriella Pettazoni. Então eram pessoas que tinham consciência do que iam encontrar lá, sabiam que era uma experiência que estava iniciando, então de certa forma esse pessoal que estava vindo eram pessoas que inclusive faziam um pouco de cursinho na Itália para chegar ali e entender nossos limites, as dificuldades de como estar atendendo os visitantes, e principalmente deixavam as sugestões deles de como melhorar a coisa.”

### **Vicente Neves**

Com a ameaça da fome e ajuda da Igreja Católica, no final da década de 80, as comunidades locais se organizaram em

torno de uma ONG, a ASPAC (Associação de Silves pela Preservação Ambiental e Cultural). Em uma manobra política muito bem organizada, a ASPAC, durante o período de eleições Municipais, conseguiu junto à Câmara de Vereadores que se proibisse a pesca comercial e se criasse um manejo da pesca artesanal por meio de proteção dos lagos (diques aluviais e meandros abandonados). Os lagos foram classificados, segundo conhecimento dos moradores sobre áreas de reprodução. Sendo assim, foram criados os tipos de lagos citados anteriormente.

Para que houvesse uma real implementação dessas medidas, havia a necessidade de divulgá-las. Sendo assim, ao longo do ano de 1989 foi desenvolvida pela ASPAC e a WWF uma ação participativa com 8 comunidades de pescadores. Um programa de educação ambiental comunitária denominado CARAVANA MERGULHÃO, que valorizou e mobilizou a participação e o debate sobre a importância do respeito às normas da legislação municipal sobre conservação da pesca.

A Caravana Mergulhão estimulou o debate sobre as normas da legislação para a conservação da pesca. Em um ano e meio, a Caravana Mergulhão capacitou pessoas dentro das comunidades para

Sede da pousada de Silves: recepção, restaurante e administração.  
Foto Davis Sansolo

realizarem entrevistas com os moradores abordando o tema da preservação. Essas entrevistas eram veiculadas num programa de rádio comunitário em Silves e, assim, repercutia o debate nas demais localidades. O rádio a pilha é o principal meio de comunicação da região e os resultados obtidos são expressos na efetiva conscientização da população em aderir a uma lei inovadora.

Entretanto, o aumento das restrições no uso dos recursos da região, além de favorecer a preservação ambiental, também causou impactos no cotidiano dessas comunidades. A proibição da pesca em determinados períodos do ano e a diminuição das áreas destinadas à atividade levantou o debate sobre alternativas para a geração de trabalho e

renda na região. Assim, a ASPAC e o WWF-Brasil firmaram outra parceria, mas desta vez para viabilizar o desenvolvimento do ecoturismo.

Assim, paralelamente ao trabalho de educação ambiental e conservação dos recursos pesqueiros, a ASPAC, com apoio do WWF, optou pelo desenvolvimento do turismo como alternativa econômica para as comunidades ribeirinhas. A partir daí, foram feitas articulações com financiadores que viabilizaram a construção da Pousada Aldeia dos Lagos, onde há uma participação intensa das comunidades ribeirinhas tanto na atividade de hospedagem como nas atividades de lazer do turista. O diferencial da pousada em relação aos demais hotéis da região foi a participação

intensa das comunidades ribeirinhas, que mais do que ninguém conhecem como vive o ribeirinho, como ele pesca, planta, faz a farinha, faz o peixe para comer e fazem os passeios dentro da floresta. Mais do que isso, a iniciativa foi uma opção que partiu dos próprios ribeirinhos como alternativa econômica. O principal princípio norteador da iniciativa é a associação entre a conservação ambiental, valorização das culturas locais e a participação das próprias comunidades.

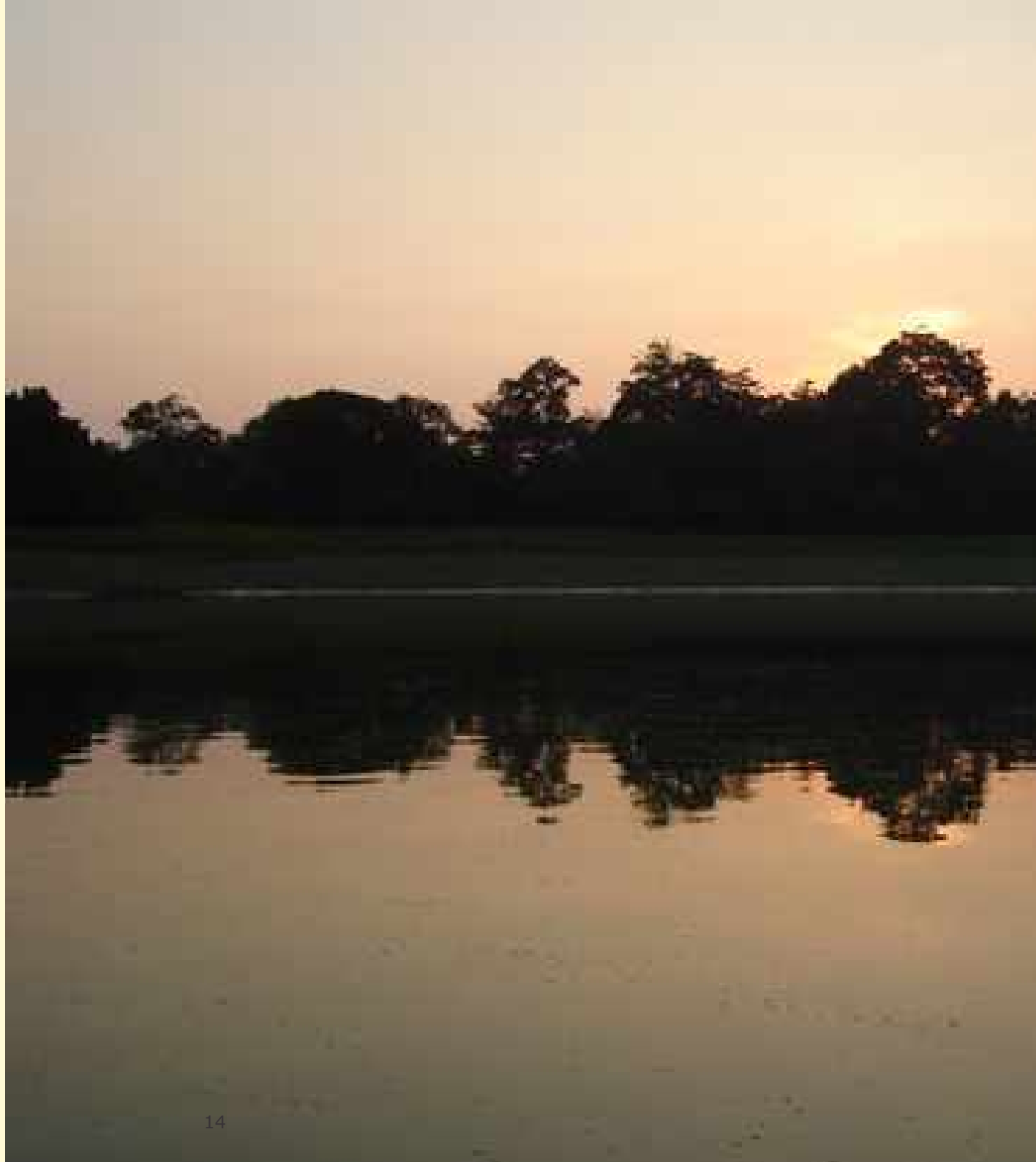
A administração do hotel, desde 2000 sob responsabilidade da ASPAC, foi transferida para uma cooperativa que se formou a partir da associação, visto que o desafio passou a ser a melhoria da qualidade e regularização da prestação dos serviços.

Vista panorâmica de Silves



## A ASPAC

Fundada em fevereiro de 1993, fruto da organização comunitária que luta pela preservação dos seus rios e lagos, é uma entidade sem fins lucrativos, que baseia seus trabalhos no uso responsável dos recursos naturais da região, apoio à cultura local e o desenvolvimento de alternativas econômicas de baixo impacto ambiental. O programa de ecoturismo executado pela ASPAC na Ilha de Silves foi o primeiro na Amazônia, a unir o turismo com a proteção da natureza em benefício da população local.



“Fundada em 1993, o primeiro trabalho que a ASPAC propôs foi a criação da Lei Municipal do Meio Ambiente, que saiu em 1993. Uma lei um pouco capenga, pois o município não tem poder de legislar sobre as águas. Mas saiu essa lei. A ASPAC surge nesse momento porque o que se precisava era de um ente jurídico que pudesse representar as comunidades até mesmo em juízo, em virtude dos conflitos que existiam. Então nesse sentido a ASPAC foi importante para ter uma representação das comunidades. E depois da ECO 1992, onde alguns países se propuseram a ajudar projetos na Amazônia realmente estava precisando desse ente jurídico para propor projetos. Porque tudo era boa vontade. O cara fazia o que podia e não tinha uma coisa muito metódica. Então em 1994 foi apresentado o primeiro projeto da ASPAC na proteção de áreas, principalmente proteção de lagos, capacitação de pessoas pra isso. E uma das perguntas foi: e a sustentabilidade? Naquela época a coisa não era tão banalizada e foi uma boa pergunta. Nesse mesmo projeto, quando surge a pergunta de como (a ASPAC) ia se sustentar, uma das propostas foi o turismo. Desde 1978, 1980, já existia um hotel em Silves que é do atual prefeito. Um resort na verdade, com 72 apartamentos, 2 piscinas, lojas, enfim. Vamos dizer que praticamente um terço da ilha é dele, com esse hotel grande lá dentro. Eu trabalhei lá 10 meses quando eu tinha 19 anos. Foi boa a experiência de trabalhar ali.

Enfim, nesse momento o pessoal envolvido achou que o que daria essa sustentabilidade era exatamente o turismo como uma possibilidade. Dentro do próprio projeto já foi apresentada a proposta de uma pousada de três módulos e um bloco principal para administrar, fazer o restaurante e a sede da associação. Foi apresentado em uma determinada reunião em Brasília, e quem topou financiar esse projeto foi o Governo da Áustria. E saiu o projeto. Posteriormente foi feita a parte toda de capacitação, tanto de pessoal para trabalhos em turismo quanto para o pessoal da conservação e educação ambiental, com apoio do Governo da Suécia.

A Aldeia dos Lagos passou 2 anos para ser construída. Aliás, até hoje ainda estamos construindo coisas – é um trabalho de formiguinha, né? A ASPAC começa efetivamente um trabalho como associação em 1996, e a Aldeia dos Lagos é inaugurada em 1997 com os primeiros grupos de italianos vindo do WWF da Itália.

O primeiro parceiro que a ASPAC realmente teve foi a Fundação Vitória Amazônica (FVA) e o WWF que estava indo para o Amazonas devagarzinho para atuar. As propostas eram: manter os estoques pesqueiros em pelo menos 75% pois o mesmo estava muito prejudicado – praticamente não tinha mais peixe. E principalmente, quem tinha os apetrechos, os artefatos para pegar peixes não éramos nós, eram os pescadores de fora. O outro objetivo era aumentar 20% da renda dos envolvidos na associação. Essa era a proposta. E assim começou o trabalho. Foi um trabalho que não começou do zero, vamos dizer que fomos um dos filhos da CPT (Comissão Pastoral da Terra). E aí começa realmente uma lida – vamos dizer assim – tanto da questão política quanto social em Silves. Na década de 1990 surgem muitas associações: de agricultores, de pecuaristas, de pescadores. E a associação conseguiu resistir ao tempo porque a gente sempre batalhou para ter um trabalho independente. Claro, a Prefeitura é sempre bem-vinda para ser parceira, mas como parceiro. Então, a ligação é extremamente específica, em determinados projetos e ações.”

**Vicente Neves**

## A história da construção do programa de ecoturismo

Após um momento de descontinuidade no financiamento dos projetos desenvolvidos pela ASPAC e o WWF, onde a comunidade se viu completamente dependente dos recursos externos, houve uma retomada dos trabalhos, enfatizando a necessidade de se capacitar as comunidades para se tornarem autônomas e menos vulneráveis. Dessa forma, a Caravana Mergulhão se tornou o principal instrumento na promoção do debate a cerca de cinco temas indicados pelas comunidades como prioritários: turismo, lixo, água, pesca e agricultura e pecuária. As questões foram levantadas em oficinas e, de forma participativa, foram definidas metas de curto, médio e longo prazo. Essas reuniões também serviram de suporte para o detalhamento de ações rumo a tão almejada sustentabilidade.

A mudança na relação entre o WWF-Brasil e a ASPAC tem como principal vetor o estabelecimento de uma “verdadeira” parceria para o desenvolvimento de um projeto participativo. A coordenação do projeto entendeu que para que houvesse uma participação efetiva da comunidade, e não apenas o interesse nos recursos externos, era necessário que esta desse alguma contrapartida. Afinal de contas, a co-reponsabilidade é a sustentação de um processo verdadeiramente participativo.

Wellington Leite na primeira despesca do pirarucu



"Inicialmente foi feito um trabalho em 15 comunidades, e apenas 6 toparam. Porque o turismo, do jeito que estava sendo implementado, não era do jeito que eles estavam querendo. Principalmente o turismo que já estava lá há 10 anos e não tinha uma proposta de envolver as comunidades. As pessoas olhavam as comunidades, não falavam com ninguém, não tinham a menor participação nem do ponto de vista de interagir nem do ponto de vista econômico. No final das contas a proposta era fazer um turismo diferenciado, em que as comunidades pudessem estar envolvidas, o meio ambiente estar em primeiro lugar e que fosse algo que não desse prejuízo.

Então, a Aldeia dos Lagos começa a ser construída, e quando a obra estava sendo finalizada, foi contratada a pesquisa sócio-econômica. Era obrigatório pelo projeto ter essa pesquisa. E a UFAM (que na época era a Fundação Universidade do Amazonas) veio fazer a pesquisa e a conclusão foi de que era inviável a Aldeia dos Lagos, por vários motivos. O principal era porque estávamos fora da rota do turismo. Porque só vai a Silves quem quer ir mesmo. Quem vai a Manaus não pode dizer 'vou dar uma passadinha lá em Silves'. Não dá pra fazer isso porque é muito distante. Então esse foi um dos entraves, quando a Universidade disse que não tínhamos condições de ser uma experiência sustentável. A outra dificuldade nesse momento era a capacitação de pessoas, pois não tínhamos muita experiência, aliás, nenhuma experiência com o turismo comunitário. A princípio a gente chamava de 'turismo ecológico', mas posteriormente nós notamos que o termo 'turismo comunitário' era mais adequado."

**Vicente Neves**



Igapó (floresta alagada) em um dos locais visitados pelos turistas (Labirinto) no Rio Sanabani.  
Foto: Davis Sansolo

## Fase de Implantação de infra-estrutura

O tema turismo foi intensamente discutido por representar uma nova alternativa de trabalho e renda para muitas pessoas na região. Com os novos recursos, obtidos através do WWF- UK junto ao banco HSBC, a Pousada Aldeia dos Lagos passou por uma reforma estrutural visando uma melhor adequação aos padrões de qualidade e conta hoje com um edifício principal com restaurante, área de serviços, loja de artesanato e mirante, e dois blocos em alvenaria com 6 apartamentos cada, com banheiro privativo, ar condicionado, janelas teladas e varanda. A administração e a gerência passaram para uma cooperativa de prestadores de serviços, a CoopTur, formada basicamente por pessoas da comunidade que através de um sistema de rodízio se beneficiam das atividades da pousada.

As atividades de lazer oferecidas aos turistas também foram elencadas e roteirizadas pelas próprias comunidades a partir de oficinas que procuraram mapear o que cada comunidade gostaria que fosse divulgado como atrativo natural e cultural de sua região. Dessa forma, já foram elaborados mais de 10 roteiros turísticos que vão desde visitas e pernoites nos lagos, observação da avifauna e visitas aos igapós, até

atividades de cunho cultural como as visitas as comunidades onde é possível ter contato direto com as tradições e os costumes caboclos. Um passeio em especial chama a atenção por articular cultura e preservação ambiental. Em contraposição a pesca esportiva (muito praticada na região), os turistas são convidados a embarcarem em pequenas canoas a remo para praticarem a pesca artesanal. No final do dia, os peixes capturados são assados em uma fogueira junto com a comunidade, enquanto histórias e lendas da Amazônia são contadas pelos ribeirinhos.

A questão da pesca também é um foco de atenção do programa desenvolvido em Silves. A principal atividade econômica da região ainda é a pesca uma vez que o turismo ainda sofre com a sazonalidade. Mesmo com a Lei municipal de proteção dos lagos e o trabalho de conscientização das comunidades ribeirinhas, a manutenção dos estoques pesqueiros inspira cuidados. O programa vem apoiando iniciativas como o Pró-várzea do IBAMA que visa estabelecer acordos de pesca definindo as espécies que podem ou não ser pescadas, quando e como.





Outra atividade que teve o apoio da ASPAC e do WWF é a permacultura. Ainda insipiente na região, a permacultura é uma atividade agrícola que tem como objetivo o manejo dos recursos naturais, visando a implantação de sistemas produtivos sustentáveis, alternativos aos modelos de produção convencional (de corte e queima), com a utilização de novas técnicas de cultivo e produção, buscando uma melhoria na qualidade de vida das comunidades através de uma alimentação saudável e sustentável. Uma das maiores dificuldades em se ampliar esse tipo de cultivo está na falta de financiamento. Programas governamentais, como o PRONAF (Programa Nacional de Agricultura Familiar), não financiam projetos eco-compatíveis.

As discussões promovidas pelo programa também contemplam dois temas importantes que embora distintos guardam uma forte relação. O lixo dessa região apresenta uma característica peculiar e perigosa. Por não ter uma ampla rede de energia elétrica, as comunidades de Silves utilizam lanternas e rádios a pilha. Enquanto o lixo orgânico vai para compostagem e é reutilizado na permacultura, a enorme quantidade de pilhas consumida pode gerar um verdadeiro desastre ambiental. Nesse

sentido, a parceria ASPAC- WWF também vem desenvolvendo um trabalho de coleta desse material para que seja enviado posteriormente para as grandes empresas do ramo sediadas em Manaus.

O trabalho de coleta das pilhas nas comunidades se articula com o problema da água uma vez que o risco de contaminação provocada pelo vazamento de substâncias tóxicas é latente. Por mais contraditório que possa parecer, boa parte das comunidades ribeirinhas do estado do Amazonas sofrem com problemas de contaminação das águas. A falta de um sistema adequado de coleta de esgoto faz com que nos períodos em que os rios estão mais baixos haja elevados índices de doenças provocadas pelas águas contaminadas, como a hepatite e a diarreia.

A experiência em Silves se desenvolveu com sucesso, tornando-se uma referência para outras comunidades tradicionais da Amazônia que pretendem explorar o enorme potencial turístico da região. Essa modalidade de turismo tem um caráter diferenciado, pois além de propor uma fonte de renda alternativa também promove o aprofundamento das relações políticas internas dessas comunidades.



“Pra começar a atuar realmente na Aldeia dos Lagos foi no ano 2000 que foi o tempo em que acabou o projeto da WWF. Eles disseram 'bem, agora andem'. Foi um momento difícil. Nesse momento a gente já estava mais à frente dos trabalhos, entendendo as problemáticas em que a gente estava se inserindo. Fizemos uma capacitação – Programa de Capacitação em Turismo de Base Comunitária – proporcionado pelo WWF, e a gente fazia em vários lugares. Onde tinha um programa de turismo comunitário a gente ia pra lá – Rio de Janeiro, Chapada dos Veadeiros, Pantanal, Poço das Antas, na Amazônia. Nós íamos para esses lugares e fazíamos as capacitações sobre capacidade de carga, suporte, toda a questão da pesquisa, monitoramento de pessoas. Era uma formação itinerante que para mim foi muito importante. De certa forma a gente já tinha uma visão da problemática, do que podíamos e não podíamos.

O projeto da Suécia bancava um grupo de pessoas para trabalhar, mas a partir de dezembro de 2000 esse pessoal deveria se virar, o turismo deveria conseguir pagá-los. Nós nos reunimos e dissemos 'a gente vai falir'. Nos demos um prazo, e as projeções não eram muito boas. E pensamos num artifício para que a Aldeia dos Lagos pudesse continuar operando. E um desses artifícios foi fundar uma cooperativa que não tivesse empregados, mas cooperados que seriam chamados eventualmente quando tivesse visitaçõ ou eventos.

Fundamos a cooperativa, e a partir daí começamos a atuar em um trabalho em que não tínhamos muita experiência. Mas começamos. Como administrador eu não tinha muita experiência, só em casa com a minha mãe. Então a partir de janeiro começamos na administração da Aldeia dos Lagos. Entre os 20 cooperados combinamos fazer um rodízio de trabalho. O nosso capital de giro era de US\$3 mil. A partir dali começamos a fazer um trabalho e conseguimos montar nossa sub-estação de energia, foi um ano de vitória perto do que tínhamos pensado.

Chamamos alguns parceiros para ajudar na parte da administração. Fizemos os inventários, criamos os roteiros, mobilizamos as comunidades.”

**Vicente Neves**

# Metodologia

## O caminho da construção da metodologia

Em 2000 aconteceu a Oficina de Educação Ambiental e Ecoturismo. Durante três dias, 40 pessoas de oito comunidades participaram de atividades que tiveram como resultado o desenvolvimento de uma estratégia de trabalho que pudesse ter como premissa básica à promoção de um diálogo horizontal e participativo.

A seguir descrevemos o passo-a-passo desta atividade, inclusive as dinâmicas utilizadas ao longo da oficina, para que outras iniciativas possam se beneficiar do grande aprendizado que foi esse processo participativo com as comunidades. Para se trabalhar o turismo de base comunitária é necessária uma reflexão ampla e integrada de todos os componentes da vida comunitária, e para isso deve haver diálogo, abertura e transparência. E esta oficina foi um desses momentos em que o turismo foi discutido dentro de um contexto maior.

Comunidade São João



## Mapeamento participativo

Foram formados 8 grupos com um número variado de pessoas em cada grupo. O critério de agrupamento foi de pertencer ou conhecer as comunidades. Foram feitos inicialmente esboços em papel branco que serviram para a discussão inter-grupo. Posteriormente foram elaborados mapas, croquis e desenhos de cada comunidade em cartolina utilizando-se lápis de cor, de cera e hidrocor. A atividade possibilitou aos grupos, por meio de uma representação dos seus lugares, um debate sobre as características de cada lugar.

Foram destacadas espécies de peixes como o pirarucu, o peixe-boi e o tucunaré. Ganhou destaque também o tracajá como uma espécie de grande valor para as comunidades. Quanto à vegetação algumas espécies foram destacadas como a castanheira, o cajueiro e sobretudo a mata de igapó em geral. Algumas espécies de aves, como marreco e patos selvagens, foram citados. Quanto às construções foi destacada a organização espacial das comunidades. Tradicionalmente, as comunidades possuem uma espécie de centro onde

está a escola (quando tem), um posto de saúde (quando tem), uma igreja e um salão comunitário.

As casas em geral ficam espalhadas de forma espaçada ao longo dos rios e os cultivos muitas vezes distantes das casas, sendo necessário o uso de barco para chegar a eles. Algumas vezes, os cultivos são feitos nos fundos das casas. Há um processo que vem modificando essa organização. A prefeitura vem construindo casas de madeira, todas próximas umas das outras e próximas ao "centro" da comunidade. Segundo relato de moradores, esse processo vem desorganizando a vida das famílias. Alguns mapas foram elaborados, com destaque ao mapa do Lago de Conservação.

Flutuante para fiscalização da pesca - Lago Purema.  
É também uma opção de pernoite para hóspedes da Pousada Aldeia dos Lagos.  
Foto: Davis Sansolo



## "Muro das Lamentações"

Neste momento foi solicitado que cada participante pegasse três cartões, refletisse e escrevesse sobre três principais problemas da sua comunidade e fixassem no quadro formando um conjunto de observações sobre os problemas de cada comunidade. Os principais problemas que apareceram foram:

- Desunião: falta de organização e de formação das lideranças comunitárias;
- Saúde: falta de posto, de médicos e de agentes de saúde;
- Escola: falta de material adequado à educação ambiental, obrigatoriedade do conteúdo dirigido, falta de apoio da direção, falta de formação continuada dos professores;
- Falta de recursos para a educação ambiental, as instituições financiadoras de projetos não disponibilizam recursos para a educação ambiental ou quando disponibilizam os recursos são escassos. As autoridades não apóiam a educação ambiental, mesmo ela sendo já institucionalizada;
- Falta de lazer aos jovens, o que os leva

ao alcoolismo e a outras drogas.

O resultado esta oficina foi muito positivo, conforme indica a avaliação dos próprios participantes. Algumas impressões:

"Valeu muito pois aprendi sobre outras comunidades e poderei ensinar o que aprendi na escola." (Prof. de 1o. grau).

Um dos representantes fez questão de relatar a luta pela conservação dando um histórico desde o início da mobilização das comunidades. Houve uma indignação geral sobre a questão do lazer, pois havia um projeto que financiava em torno de R\$ 60,00 por mês para jovens para que pudessem passear ou desfrutar de algumas atividades de lazer. E o que foi constatado é que vários jovens que recebiam esses recursos não necessitavam, e os que realmente precisavam não tinham acesso. Um outro destaque foi a preocupação com o tracajá, pois na mesma tarde havia chegado uma denúncia de que 5 covas de tracajá tinham sido mexidas e retirado os ovos, no lago de conservação.

Por outro lado, alguns relatos foram animadores. Segundo alguns associados da ASPAC, que vinham trabalhando na conservação dos lagos, estava sendo constatado que o número de espécies e



quantidade de peixes vinha aumentando ano a ano. Entretanto, nas comunidades não havia proteção o que vinha desencadeando o desaparecimento de espécies como o pirarucu e o tucunaré.

Uma outra preocupação destacada foi a pressão sobre a floresta. Quando o recurso do peixe escasseia, muitos voltam-se para a derrubada da mata ou para o uso do recurso da madeira e dos frutos. O dia foi finalizado com uma ida até o lago de conservação.

## "Sonhos"

Iniciamos o dia seguinte com a dinâmica da canoa, foi muito bem aceita e houve uma grande participação. Promoveu-se o bom humor, a integração e a descontração do grupo.

Tratou-se de uma atividade onde todos ficam em fila imaginando como se estivessem todos em uma canoa. Ao nosso comando, segundo um determinado critério, por exemplo separação entre homens e mulheres, todos deveriam se deslocar no espaço delimitado pela canoa sem sair de dentro, onde se imaginava fora da canoa havia jacarés, piranhas e a "cobra grande?", portanto, deveriam

ajudar um ao outro, para se deslocarem pela canoa.

Iniciamos a construção dos sonhos, a participação foi intensa. Foi produzido material de grande interesse para a educação ambiental. Solicitamos ao grupo de cada comunidade que produzisse desenhos, descrevendo os sonhos para a sua comunidade. Utilizaram cartolinas, lápis de cera, hidrocor, guache e lápis de cor. Posteriormente foi solicitado que se apresentasse o resultado ao grande grupo, cada sonho e o significado de cada desenho.

Alguns desenhos representaram o desejo da volta ao passado. A recuperação ambiental nas áreas urbanas, em especial as áreas naturais. Um sonho interessante e bem objetivo foi de uma comunidade que apresentou o desejo de normatização do uso de rede para que se desse oportunidade aos peixes de chegarem aos lagos. Uma outra representação interessante foram dos jovens que vivem no centro. Apresentaram a cidade de Silves desenvolvida com equipamentos sociais modernos, como universidades, parques de diversão, praia movimentada, tudo isso associado ao ambiente conservado.



Começamos a traçar alguns objetivos. Solicitamos que cada grupo estabelecesse três objetivos prioritários que pudessem ser alcançados a partir da representação dos sonhos. Dois grandes objetivos foram destacados, a melhoria da comunicação entre as comunidades e o apoio as escolas. Tirou-se então uma proposta para se organizar uma comissão de comunicação, com o primeiro objetivo de se elaborar um projeto de jornal.

Ao debatermos sobre os objetivos estabelecidos foram encaminhadas duas propostas:

- A produção de um Jornal da ASPAC;
- A realização de um Evento de Educação Ambiental nas Escolas;
- Educação Ambiental e Ecoturismo.

No dia seguinte foi retomado o caminho percorrido durante os dias anteriores para avaliarmos as técnicas e a metodologia utilizada. Ao retomarmos os encaminhamentos traçados no dia anterior, ou seja a elaboração do jornal e o evento de Educação Ambiental nas escolas, os representantes das comunidades que se interessaram em participar de ambas atividades propostas assinaram uma lista se comprometendo ou participar da comissão organizadora de ambos os encaminhamentos ou simplesmente ser um divulgador das

Barco regional



atividades em suas comunidades. Posteriormente iniciamos uma atividade para debater sobre o turismo em Silves. Solicitamos que os grupos se formassem aleatoriamente, diferente dos dias anteriores, para que se pudesse agora discutir o a questão não por comunidades, mas para a região como um todo.

Solicitamos que representassem por meio de desenho em cartolinas, o que é o turismo hoje em Silves?

Formaram-se 6 grupos. O resultado foi surpreendente. Em diversos trabalhos foram destacados as diferenças entre o turismo que é desenvolvido por iniciativa da ASPAC e o turismo promovido pelo prefeito que é proprietário de um hotel, uma espécie de ecoresort em Silves.

Indicaram que a proposta da ASPAC promove a geração de renda e remuneração de mão de obra local, enquanto o hotel do prefeito concentra renda, tendo em vista que os turistas que ali se hospedam só se interessam pelo cenário e portanto o registro fotográfico e tudo que consomem compram no próprio hotel do prefeito que por sua vez se abastece em Manaus. Por outro lado, a Aldeia dos Lagos se abastece em Silves ou na região próxima. Um dos participantes indicou que o turismo

promovido pela ASPAC não vem "enricando" as pessoas, mas o dinheiro que recebem com a visita às comunidades, pela contratação de cozinheiras, guias locais, acaba por ser uma fonte de renda extra o que faz com que o ribeirão deixe de depredar outros recursos para comprar bens para atender suas necessidades.

Eles esperam que o turismo aumente, mas tem a clareza que devem tomar cuidado, pois, assim como dinheiro e troca de informações, também pode trazer problemas como a poluição e a prostituição (assim foi colocado por eles).

Por outro lado o turismo pode trazer um desenvolvimento trazendo benefícios aos jovens, afastando-os das drogas e do alcoolismo (segundo alguns participantes colocaram). O grupo insistiu em discutir a relação entre o turismo e a conservação e portanto a necessidade de se desenvolver um trabalho que integre o turismo à educação ambiental.

Centro da cidade de Silves em período de cheia. Nesta foto, há mais de 50 anos não chovia tanto.  
Foto Davis Sansolo



## O Produto

“No que diz respeito aos roteiros estamos com uma faixa de 13 roteiros de visitação. Não temos uma grande fauna que possa ser vista assim facilmente, tem que ir nas trilhas. Nós participamos de um programa – o Projeto Pegadas – sobre como se sair perante uma situação em que você não vê tantos animais. Eles foram fazer uma capacitação conosco para que a gente pudesse, nas pegadas dos animais, nos pequenos traços deles, a gente pudesse interpretar e levar o visitante a entender um pouco a fauna local, mesmo sem ver o bicho.

A divulgação é feita através dos parceiros, do boca a boca e de parcerias com agências e operadoras. A Viverde é a mais antiga e a que mais manda turistas para a Aldeia dos Lagos. A maior parte dos turistas vem da Europa, e os turistas regionais estão chegando cada vez mais, pois agora estamos em parceria com a Ideiatur, uma operadora de Recife.”

**Vicente Neves**



# Exemplos de passeios/trilhas

## Pousada Aldeia dos Lagos

### Trilha do Angelim

Para conhecer a trilha do Angelim, nos deslocamos pelo Rio Urubu até o Igarapé do Jacú, onde podemos observar o ciclo de plantio de subsistência do povo nativo antes de chegar no início da trilha. O alvo da caminhada na mata nativa é se encontrar com um Angelim Gigante, além de outras árvores centenárias. Neste passeio é possível observar as madeiras de lei, aromáticas, ornamentais e a fauna local. De acordo prévio com o visitante, o retorno da trilha um almoço às margens do Rio Urubu.

### Observação de pássaros

Esse programa é dedicado aos apaixonados por pássaros e passarinhos. Nesse caso, as visitas podem ser nos mais variados ecossistemas da região, florestas, lagos, lagoas, poços, igarapés, comunidades, roças e ilhas, mas toda observação voltada para as grandes e pequeninas aves.

### Pescaria

Foco na pescaria de diversos tipos que se desenvolve na região e também as que os visitantes conhecem. O tipo de peixe e a pescaria variam de acordo com época do

ano que é tempo da cheia e de seca, você não pode levar o peixe, mas pode fazer saborosos pratos com o peixe pescado no local.

### Hammock & Breakfast

Esse roteiro requer um dia e uma noite. Logo após o almoço na pousada, nos dirigimos pelo Rio Urubu mais ou menos uma hora de lancha até a comunidade Cristo Rei do Rio Anebá, onde fazemos uma pequena parada para dizer que os visitantes estão chegando. Logo seguimos em frente para conhecer um pouco essa região, pela tardinha retornamos, onde conhecemos a comunidade e as casas onde acontecerá a pernoite. Jantar na comunidade, conversas, histórias e perguntas, tanto sobre a comunidade quanto a vida das pessoas. De manhã após o café, vamos caminhar numa trilha de trabalhos de comunitários. Roças de mandioca, plantações de subsistência de cupuaçu, abacaxi, guaraná, casas de farinha, e a visita muito rápida a floresta. Ao retorno, picnic com banho às margens do Rio Anebá e em seguida retorno para a pousada.

Jacaré-açu - representante da fauna dos lagos de manejo de Silves.  
Foto: Davis Sansolo



## Excursão aos lagos santuários de preservação

Ocasão propícia para conhecer o trabalho da associação e observar a grande variedade de flora e fauna aquática, são comuns jacarés, botos, peixes, aves e pequenos animais. E também o encontro com a vitória regia. Podendo o visitante, pernoitar no flutuante que fica dentro do lago, o jantar é peixe moqueado levado da pousada e preparado no local.

## Rio Amazonas pelo Canaçarí (de Fevereiro à Setembro)

Em canoas motorizadas atravessando a grande várzea do Lago do Canaçarí até o furo do Liberato porta de entrada ao Rio Amazonas. Observação das características do Rio e ampla volta medindo a força de sua correnteza. Parada na Comunidade Santa Maria e caminhada através plantações de cacau até uma típica casa da comunidade. Além do contato direto com os moradores ribeirinhos e seus hábitos. Experimenta-se variadas frutas da região, o chocolate caseiro, seus derivados e sua matéria prima. Possibilidade de refeições na comunidade.

## Pesca artesanal e picnic noturno com a comunidade

Saída em pequenas canoas a remo com guias da comunidade para um encontro com o silêncio da noite, os pássaros e pequenos animais noturnos, logo se pode praticar a pesca de zagaia enfocando o peixe com lanternas ou com tarrafa e pequenas malhadeiras. O peixe capturado é assado e comido em um grande picnic na praia junto a comunidade, uma réplica dos tradicionais mutirões comunitários

## Dia cultural e Intercâmbio

Visita à cidade e seus aspectos sócio-culturais. Em seguida, ida para uma comunidade para conhecer usos e costumes caboclos, produção e sobrevivência. Conversa comunitária, estrutura familiar, medicina natural. Na casa da farinha pode ser servido um lanche a base de derivados da mandioca, a noite quando houver festa em qualquer comunidade, o visitante pode participar das danças, esportes, hábitos e alimentação local.



# Manejo e Gestão da operação de ecoturismo

"A Cooptur é quem gerencia a pousada. A ASPAC está sempre junto porque o bem móvel é da ASPAC – as lanchas, os veículos – mas quem está à frente são os sócios da ASPAC. Nos últimos 2 anos e meio tivemos muito trabalho e deixamos o turismo um pouco de lado. Mas eu estava falando com os companheiros que a gente tem que voltar a direcionar o trabalho para o turismo. Porque nesse tempo trabalhamos para criar uma Unidade de Conservação<sup>2</sup> que tomou muito tempo e pessoal. Tinham os acordos de pesca, o trabalho do manejo, e o turismo foi ficando um pouco de lado. Então agora, do início desse ano pra cá, a gente está voltando a trabalhar diretamente com o turismo que é a essência da ASPAC. O turismo de base comunitária da ASPAC é e vai ser ainda o que sustenta a ASPAC. A Aldeia dos Lagos é quem proporciona 80% do que a ASPAC tem hoje, o componente do turismo. A Aldeia dos Lagos está lá esperando algumas reformas para a temporada que está chegando aí. É através do turismo que a ASPAC consegue um contato mais próximo com as comunidades, então é um trabalho que não pode ser deixado de lado para fazer outras coisas."

**Wellington Leite**

"A ASPAC faz toda a parte de contatos com o pessoal da Aldeia dos Lagos, que é o pessoal da cooperativa. Por exemplo, está chegando a temporada, a gente faz uma reunião com o pessoal para fazer os acertos em volta do turismo. Então antes da temporada chegar as comunidades já sabem o que está se prevendo, quantos grupos vão chegar etc. Então cada comunidade tem os seus roteiros, e elas são chamadas todo ano para rever esses roteiros, que tipo de serviços elas vão prestar. E isso é feito constantemente.

As trilhas são nas comunidades, são nas casas dos familiares, então o pessoal da Aldeia dos Lagos está sempre indo, pra não deixar fugir muito do padrão, então tem que ter um certo controle.

Chega na comunidade, os turistas são entregues para os comunitários. Os guias da Aldeia dos Lagos estão lá, mas quem faz o serviço são os comunitários. Um dos roteiros que é piquenique noturno, por exemplo, é totalmente feito pelos comunitários. Então isso requer uma atenção sempre bem focada nos comunitários para que eles não fujam da coisa. E "também ter cuidado com o pessoal da ASPAC para não se envolver demais no trabalho que é dos comunitários."

**Vicente Neves**

<sup>2</sup> Ainda em processo de negociação, a Unidade de Conservação em discussão é a Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) Saracapiranga.



# Conquistas e Desafios

## Conquistas

"A reativação dos estoques pesqueiros é um sonho realizado. Hoje, de cada 7 dias da semana 5 se come peixe. Na zona rural, principalmente na área ribeirinha, 55% da renda desse pessoal vem do peixe."

**Vicente Neves**

## Desafios

- Reorientar os principais roteiros para que sejam ressaltada a história da relação entre comunidades, a APAC e a conservação ambiental
- Capacitar mais pessoas para prestação de serviços e aumentar o número de cooperados com vistas a manutenção da qualidade dos serviços oferecidos
- Envolver os comunitários na cooperativa
- Melhorar a gestão do serviço de hospedagem
- Desenvolver um marketing voltado ao mercado e comércio justo nacional e internacional
- Ampliar parcerias institucionais
- Incluir tecnologias ambientalmente compatíveis no sistema de gestão de toda a operação turística

Wellington Leite

A sazonalidade é um desafio:

"Quando você pára de fazer visita nas comunidades eles perdem um pouco o ritmo. É claro que cada um continua na sua roça, cuidando da sua vida, mas a gente perde um pouco esse contato."

O atendimento a pequenos grupos só é possível na pousada, mas para as comunidades só é viável trabalhar com grupos.

"Pela ASPAC a gente vem lutando cada vez mais para tentar ser independente. Porque hoje a ASPAC é uma das únicas instituições da região do qual seu corpo administrativo, técnico, é todo comunitário, não tem ninguém de fora. Não tem ninguém de outro Estado, não tem muita influência externa. A gente está num esforço grande para ser independente, então a gente está planejando fazer coisas que vão dar sustentabilidade à ASPAC e não só ser sustentado por projetos. E a Aldeia dos Lagos funcionar de uma forma para que a ASPAC fique cada vez mais independente. A gente primeiro está olhando a parte estrutural para organizar melhor, finalizar o site. Como a gente mora muito longe, no meio da floresta, da Amazônia, é meio difícil ter um sinal bom de satélite. Então esse é um desafio que a gente tem que melhorar, a questão do contato."

**Vicente Neves**

# Considerações Finais

## A Pousada Aldeia dos Lagos hoje

Atualmente, a ASPAC está reformulando seus componentes de trabalho para melhor atender internamente suas metas. Pois quem olha de fora muitas vezes não consegue entender como funciona a "engrenagem", visto que já explicamos como até hoje vivemos. A Diretoria da ASPAC elegeu as coordenadorias de Turismo, Conservação e Agroecologia. E em menos de cinco meses, já sentimos a necessidade de mais coordenadorias, pois a demanda de trabalho está aumentando a cada dia. Especificamente no turismo a Cooptur continua na Gerência do Programa que apresenta uma fase boa de trabalho, convergindo com as parcerias do MMA e do ICEI na reforma das estruturas da pousada bem como na busca de novos roteiros. Nos últimos 2 anos o foco no turismo diminuiu, mas a pousada ainda estava em funcionamento e a média de turistas ficou em torno de 300/ano. Para esse ano (2010) temos uma boa expectativa de aumentar esse número, não apenas quantitativo, mas qualitativo também.

Flutuante para fiscalização da pesca - Lago Purema.  
Foto: Davis Sansolo



## Compartilhando sonhos

“Em relação à presidência da ASPAC, meu sonho é ver a ASPAC recompensar os sócios que tanto trabalham para torná-la o que ela é hoje. Outro objetivo é trazer mais comunidades para trabalhar com a gente, para fazer parte da ASPAC. A gente tem vários planos, projetos em mente.”

**Wellington Leite**

“O sonho de futuro é preparar pessoas para tocar aquilo ali, que é a realização de muita gente. Principalmente, foi uma prova de que é possível a gente fazer turismo comunitário, solidário, com respeito à natureza, às comunidades, e principalmente ter condições de se sustentar. A gente sabe que o paternalismo ainda existe muito. O sonho nosso é que a ASPAC seja autônoma, que seja uma entidade privada com autonomia, tanto política quanto financeira.”

**Vicente Neves**

“Que a Aldeia dos Lagos se estabeleça como um negócio social sustentável e de oportunidades.”

**Vicente Neves**

“O programa de turismo comunitário é uma possibilidade. Uma possibilidade não apenas de renda, mas de realização das pessoas. Até mesmo porque a gente entende que cada visitante que vai lá vai realizar um sonho. E a gente tem responsabilidade de fazer com que este sonho seja realizado da melhor maneira. E também que o turismo realmente seja a condição que tem para manter o ambiente. Porque um dos motivos para manter o ambiente é para que realmente tenha os roteiros, os locais de visitaçã – os pássaros, as florestas, os espaços de várzea, para que haja visitaçã.”

**Vicente Neves**

Outro sonho é a reserva, a Unidade de Conservação.

# Contatos

## Autores/Contadores de Histórias

### **VICENTE NEVES**

Natural de Silves (AM), nasceu na localidade de Santa Helena na casa de sua avó. Foi criado na popa da canoa de seu pai, que pescava, caçava, plantava e criava gado. Subia em árvores, jogava bola de seringa, entre outras brincadeiras nas praias de Silves. Em tempos de teologia da libertação, foi como coroinha que Vicente começou a se engajar no movimento comunitário, como membro da Pastoral da Juventude e depois da Pastoral da Terra. Desde então participou ativamente da construção da ASPAC e da Pousada Aldeia dos Lagos.

### **WELLINGTON DE AZEVEDO LEITE**

Nasceu no Luís Igarapé e cresceu na beira do rio aprendendo a viver na floresta. Aprendeu a pescar, a caçar e a plantar. Já vivendo em Silves, conheceu a ASPAC em uma gincana escolar, da qual é o atual presidente. Na Pousada Aldeia dos Lagos Wellington começou como garçom e chegou à gerência contábil.

### **Pousada Aldeia dos Lagos**

Reservas:  
Lilinete Canto  
repcionista  
(92) 9962 1453  
Márcia Ruth  
coordenadora de turismo  
(92) 9606 0820  
Vicente Neves  
secretário executivo da Aspac  
(92) 9911 5541  
Wellington Leite  
presidente da Aspac  
(92) 8842 0350

## Créditos

BURSZTYN, IVAN (2005)  
'Políticas públicas de turismo  
visando a inclusão social',  
dissertação de mestrado,  
Universidade Federal do Rio de  
Janeiro, COPPE.